



Padrão (*template*) para submissão de trabalhos ao
XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação:

Comunicação, Educação E Cultura Na Escola.

Catarina Tereza Farias de Oliveira – Professora Doutora da Universidade Estadual do Ceará. ¹

Sâmia da Silva Vasconcerlos - Graduação em Pedagogia, Universidade Estadual do Ceará. ²

Joanna Aretha Silveira - Graduação em Pedagogia, Universidade Estadual do Ceará. ³

Elânia Mourão de Freitas Graduação em Pedagogia, Universidade Estadual do Ceará. ⁴

Resumo

Nesse trabalho tivemos preocupação teórica e prática em compreender como se concretiza no cotidiano escolar a relação entre comunicação, educação e cultura. Refletimos nessa investigação que além de proporcionar uma educação para a leitura crítica da mídia a relação comunicação e educação precisa fornecer possibilidades de ação cultural na qual a disciplina de leitura crítica da mídia não seja a única forma de relacionar comunicação e educação.

Palavras-chave

Comunicação; Educação; Cultura.

Corpo do trabalho

1. Introdução Ao Tema

¹ Catarina Tereza Farias de Oliveira, professora Adjunta de Sociologia Universidade Estadual do Ceará. Graduação em Comunicação Social. Mestre em Sociologia e Doutora em Educação na área de Sociedade Educação e Cultura pela Unicamp. Pesquisadora nas áreas de Comunicação Comunitária, Movimentos sociais e Comunicação e Educação. catarinatereza@uol.com.br

² Graduada em pedagogia, bolsista da Fundação cearense de pesquisa, FUNCAP.samiavc1@ig.com.br

³ Graduada em pedagogia, bolsista CNPq=PIBIC. Jaretha1@ig.com.br

⁴ Graduada em pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica da UECE. Elaniamouraol@ig.com.br



A educação e a comunicação no cenário escolar vêm sendo tema de diversas discussões nas pesquisas que envolvem esses dois campos. Diante dessa problemática, vamos procurar explicitar os fatores que precisam ser levados em consideração nesse debate.

A Análise da interação entre os campos da comunicação e da educação tem gerado reflexões em torno das interfaces que relacionam esses dois campos. Na concepção de Braga e Calazans (2001:56-57), os dois campos são por demais abrangentes, de modo que podemos encontrar diversos ângulos de análises solicitando largas compressões e aprofundamentos de suas práticas e de seus conceitos. Nesse sentido, sabemos que muitas reflexões surgem para problematizar a relação entre comunicação e educação. Braga e Calazans afirmam que geralmente os estudos sobre comunicação e educação são colocados a partir da intencionalidade educativa. Desse modo, apresenta em primeiro lugar, como reflexão mais freqüente o uso dos meios nos processos formais de ensino presencial e a distância. De forma mais aprofundada, esse ângulo apareceria como forma de desenvolver nos alunos capacidades para trabalhar a lógica das tecnologias midiáticas de forma criativa. Gostaríamos de situar, também, a linha que busca trabalhar a necessidade de leitura crítica da mídia, colocando disciplinas específicas de leitura crítica da mídia no currículo escolar. A esse respeito acreditamos que, embora essa reflexão venha sendo apresentada no contexto da educação formal e a partir de propostas curriculares, uma reflexão sobre o tema precisa pautar-se concretamente numa discussão que não se resolverá apenas com a proposição de uma disciplina que adote a mídia como temática curricular. É verdade que essa providência é cabível, mas precisa ser compreendida dentro de um cenário que exige ações que extrapolem a sala de aula como lugar de realização das práticas comunicativas educativas.

É nosso ponto de vista que a discussão sobre comunicação e educação precisa relacionar as ações educativas e curriculares, próprias do campo educativo, às ações comunicativas populares emergentes no campo comunicativo. Essa interação precisa ser percebida em termos de dinamicidade entre os campos, extrapolando assim a adoção de medidas comunicacionais puramente instrumentais nas práticas educativas. A comunicação e a educação já apresentaram, inclusive, experiências tanto de comunicação popular com caráter educativo, quanto de educação popular que vivenciam práticas culturais comunicativas. Nesses termos, as experiências de



educação popular, vivenciadas nos anos 60 no Brasil, já adotaram o teatro, e o rádio como práticas educativas e comunicativas. Sabermos que na atualidade essa questão se coloca em outro contexto. Hoje a realidade envolve outra realidade comunicacional e tecnológica que precisa ser considerada, e com certeza, essa situação requer ações diferentes daquelas vivenciadas nos anos 60.

Em linhas gerais, o campo educacional tem apresentado com mais ênfase a relação entre educação e comunicação privilegiando ora a adoção de atividades de leitura crítica da mídia no currículo escolar, ora o desenvolvimento de capacidades criativas dos alunos no campo das tecnologias midiáticas. Nesse trabalho, é nosso interesse questionar até que ponto essa relação pode ser ampliada.

2. Comunicação E Educação: Realidade Mundial

Podemos compreender através da trajetória mundial da educação para a leitura crítica da mídia que essa proposta surgiu a partir do impacto das reflexões crítica efetivadas no campo da comunicação. Estamos nos referindo às teorias da comunicação que emergiram, principalmente, entre os anos 50 e 70 denunciando o papel da indústria cultural na sociedade de consumo. Desse modo, diante de uma sociedade marcada pela força das comunicações e seus mecanismos de persuasão e formação ideológica, alguns países adotaram uma educação para a mídia como meio de promover uma reflexão sobre a forma como os meios de comunicação atuam na vida dos indivíduos. Assim, pode-se analisar a realidade da Austrália e do Canadá, uma vez que são relevantes, em maiores ou menores graus, para a compreensão da origem da disciplina de leitura crítica da mídia proposta no cenário escolar.

A Austrália foi pioneira na educação para a mídia. No seu período áureo, a década de 70, rompeu com a estrutura conservadora do país, fazendo nascer um grupo esquerdista que contribuiu enormemente para a construção de uma educação conscientizadora e crítica. Nesse contexto destacam-se alguns vídeos produzidos que orientavam o professor (série Viewpoint) e textos de Len Masterman que conseguiram levar os objetivos da ONU. Tais objetivos deveriam desenvolver habilidades críticas para que as pessoas compreendam seus direitos de terem voz na mídia (McMahon& Quin, 2001).



Atualmente, a disciplina de educação para a mídia está presente em materiais como Artes, Inglês e é respeitada sendo oferecida no ensino fundamental e médio australiano. Porém, o clima crítico das décadas de 70 e 80 já não mais existe, uma vez que nesse país reina o racionalismo econômico, que além de não permitir a livre expressão, não oferece recursos para promover atividades críticas na educação e na sociedade de uma forma mais ampla. (McMahon & Quin, 2001).

A realidade da educação e da comunicação na Austrália resultou numa mudança a nível curricular que fica susceptível as políticas sociais, econômicas e educacionais, que rege a instituição escolar. Nesse sentido, essa experiência demonstra que a questão não pode ser tratada em nível de decisão apenas curricular, o teor da mudança e da dinâmica das implementações, deve fazer parte do contexto que envolve ações mobilizadoras dentro e fora da escola, pautadas em atividades extracurriculares.

Quando se analisa a educação para a mídia no Canadá, nota-se que há uma ampla e consistente base, na qual professores e alunos desenvolvem uma reflexão crítica sobre os conteúdos midiáticos. Isto é perceptível quando se vê que este país tem formulado um Guia de Recursos para a compreensão da mídia no Ministério da Educação de Ontário. Esta província é considerada um modelo de educação para a mídia. O Guia elaborado está sendo seguido pelas demais províncias da Canadá, e até mesmo os EUA reelaboraram algumas de suas idéias a partir dessa experiência.

No Canadá, todas as províncias dispõem de educação para a mídia. (Andersen, Duncan & Pungente, 2001). O documento de Ontário esclarece aos alunos que a mídia está estreitamente vinculada a corporações comerciais, servindo de sustentáculo para difundir a ideologia proposta por tais grupos. Na realidade do Canadá existe uma preocupação em fazer com que os estudantes não só se tornem conscientes, mas também possam vir a criar e a produzir para a mídia. (Duncan & Pungente, 2001). No entanto, sabemos que a inserção de produtos alternativos no interior da indústria cultural obedece à lógica do sistema político da sociedade de consumo. Os produtos criados pelos alunos precisam de redes de comunicação alternativas para poder ser difundidos. No entanto, quando se trata de atividades produtoras de comunicação dentro das escolas, a realidade do Canadá é considerada precária. As escolas não se encontram equipadas em termos de equipamentos.

Acreditamos que a perspectiva do pensamento, que denuncia o lugar e o papel da indústria cultural, é um dos pontos chaves para o pontapé inicial das experiências de



leitura crítica que surgem para a mídia. Essa postura crítica e denunciativa precisa ser percebida pelo campo educacional, ocorrendo numa primeira instância o encontro entre comunicação e educação. Entretanto, a postura denunciativa necessita ganhar proporções não apenas de crítica, mas também de ações mobilizadoras de experiências comunicativas capazes de difundir novas lógicas comunicativas na sociedade. Desse modo, pensamos que a discussão sobre a adoção da leitura crítica da mídia na escola é importante, mas precisa vir acompanhada de práticas comunicativas que envolvam a produção de comunicação na escola, voltada para uma lógica diferente daquela hegemônica nas produções culturais difundidas na sociedade de consumo.

O Brasil apresenta experiências que se antecipam nas reflexões sobre educação e comunicação, o mais relevante se localiza na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, ECA/USP. Estamos nos referindo ao Núcleo de Comunicação e Educação, NCE. Esse núcleo coordena o projeto Educom direcionado à capacitação de professores e alunos nas escolas de São Paulo. O projeto procura ensinar a linguagem radiofônica a professores e alunos. Assim, além de proporcionar uma leitura crítica sobre a mídia, a educação no campo da comunicação precisa fornecer possibilidades de ação na qual a disciplina curricular de leitura crítica da mídia não seja a única forma de relação entre comunicação e educação. No Ceará temos algumas experiências que caminham na mesma perspectiva das atividades realizadas no projeto Educon. Mais a frente vamos nos referir as experiências de rádio escola criadas no Ceará.

3. Comunicação: Contribuições Para Além Do Espaço Escolar

Vamos situar agora algumas das contribuições teóricas e práticas que acreditamos terem proporcionado uma importante relação entre os campos da comunicação e da educação na realidade brasileira. Essa interação foi pautada por referências de denuncia do caráter mercantil da comunicação, mas teve sua postura ampliada pelas ações que procuram se contrapor as estratégias hegemônicas da indústria cultural, as quais situaremos aqui como práticas de comunicação alternativa e popular.



Nas reflexões apresentadas pela teoria da comunicação, as contribuições teóricas que primeiro chamaram nossa atenção para uma crítica à mídia foram os estudos da Escola de Frankfurt. Vamos nos referir mais precisamente a dois autores dessa escola, Adorno e Horkheimer. Esses dois frankfurtianos são os responsáveis pelas reflexões em torno da ação da indústria cultural. Adorno e Horkheimer se empenharam em denunciar a transformação da cultura em mercadoria na sociedade capitalista. “Toda a práxis da indústria cultural transferiu sem mais a motivação do lucro as criações espontâneas”. (Adorno, 1987:288)

Esses frankfurtianos também desenvolveram reflexões sobre o receptor apresentando-o como elemento de cálculo da maquinaria da cultura. Nessa discussão, Adorno e Horkheimer ressaltam a posição passiva da audiência que é definida como objeto da ação da indústria cultural. Nesse sentido, podemos afirmar que embora Adorno e Horkheimer apresentem à crítica mais relevante a indústria cultural, limita a percepção do público à servidão e a dependência da indústria cultural. Assim, essa visão da audiência não deixa perspectivas para pensarmos uma leitura crítica da mídia a partir da ação da audiência, uma vez que nessa abordagem o público é sinônimo de um consumidor incapaz de fazer julgamento e de decidir conscientemente diante do poder da indústria cultural. Dentro dessa concepção, temos uma denúncia do papel assumido pela indústria cultura na sociedade de consumo, entretanto, não surge a partir desse pensamento apocalíptico, as possibilidades de concebermos a leitura crítica para a mídia promovida a partir dos receptores e das mediações que os cercam. O ápice a que se pode chegar com a contribuição de Adorno e Horkheimer é perceber-se a necessidade de criticar a ação da indústria cultural, ficando-se sem perspectiva de ação diante desse aparato.

No campo da comunicação, as práticas de comunicação popular e alternativa contribuirão para repensarmos o lugar do receptor e as “novas” ações no campo comunicativo. Essas experiências demonstraram que o receptor, objeto passivo apresentado por Adorno, não é tão passivo como essa teoria o apresentou. No Brasil, mais especificamente, as práticas de comunicação alternativa e popular foram vivenciadas através das experiências dos jornais alternativos nos anos 60 e dos movimentos sociais e culturais, emergentes no Brasil na década de 80 e 90, bem como, através das experiências das rádios comunitárias com sistemas de alto falantes experienciadas nos anos 80. Mais recente podemos situar as práticas das rádios



comunitárias FMs, organizadas por movimentos sociais e culturais populares. Essas últimas experiências não podem ser confundidas com as emissoras ditas comunitárias, organizadas para fins eleitoreiros (Oliveira, 2002,). Nesse sentido, podemos afirmar que essas práticas comunicativas serviram de modelo para repensarmos a concretização de propostas comunicativas voltadas para a educação e para a mobilização popular. Através dessas experiências ficou evidenciado que além da discussão crítica, mas apocalíptica fundamentada por Adorno e Horkheimer, era preciso reconhecer a capacidade crítica dos receptores criarem propostas educativas para os meios de comunicação.

No mesmo sentido, tivemos as pesquisas de recepção mais recentes. Essas pesquisas representam gradativamente uma aproximação com o cotidiano e o contexto sociocultural dos receptores, destacando os modos como estes usam e se relacionam com os meios de comunicação e sua programação. Segundo Citelli (2002), os paradmas lingüísticos que repensam o lugar linear e atomizado vivido pelo leitor recolocam a posição do destinatário ao discutir que a linguagem é um jogo. O autor ressalta que na mesma medida, a discussão sobre as mediações apresentada por Barbero também reforçam a idéia de que a recepção é uma construção conflitante que não pode ser deduzida da emissão, pois é resultante de relações mediadas. Citelli afirma que nesse momento, questiona-se a idéia segundo a qual os meios de comunicação teriam infinita capacidade manipulatória. Portanto, compreendemos que esse conjunto de fatores seja no campo prático da comunicação ou nos fundamentos teóricos reforçam a perspectiva educativa que a comunicação vem ganhando nos últimos anos.

Vamos tomar a realidade da escola de Dom Maurício, localizada em Quixadá no Ceará para explicar, como a ação de disciplinas de leitura crítica da mídia ganha novos aliados em sua proposta quando o cenário escolar caminha na direção da experiência comunicativa de criação de uma rádio escola aberta para a comunidade, localizada fora dos muros da instituição escolar.

4. Cultura E Comunicação Ma Escola De Dom Maurício

A escola de Ensino Fundamental Flávio Portela Marcílio surgiu em 1985, no distrito de Dom Maurício, município de Quixada no Ceará. Esse distrito fica a cerca de 180 km de Fortaleza. È relevante ressaltarmos que essa escola surgiu dentro de um



contexto social que valoriza a cultura e as mobilizações sociais. A instituição foi fundada na administração do prefeito José Linhares da Páscoa. O primeiro prédio tinha apenas duas salas de aula e funcionava somente da 1.ª a 3.ª série. Atualmente, a maioria dos docentes são ex-alunos da escola com graduação nas mais diversas áreas de ensino. Esses professores (ex-alunos) fizeram parte da trajetória de luta para instalar o prédio no distrito.

Na história da escola Flávio Portela Marcílio podemos constatar uma forte relação com as atividades culturais tanto tradicionais como mais ligadas à modernidade. Encontraremos na trajetória da escola exemplos de atividades culturais que valorizam, tanto as festas e danças folclóricas, como atividades que promovem experiências com vídeos, livros, bem como, mobilização que levaram a montagem de uma rádio escola.

Em termos históricos vemos as bases culturais que fortalecem a postura presente nessa instituição. Em 1987, um grupo de alunos da 5ª série, teve a curiosidade em descobrir como viviam as pessoas da comunidade e conhecer seus costumes. Desse modo, resolveram fazer encenações reconstruindo a cultura de seu povo. No primeiro momento, essas apresentações eram feitas na sala de aula, mas percebeu-se um grande interesse da comunidade como um todo de apreciar esse evento. Então partiu deste grupo o interesse em sair do mundo escolar e passar a se apresentar na comunidade. A partir dessa iniciativa foi criada com os alunos da instituição a semana cultural da escola. Durante a semana cultural é reconstruída a história do povo, realizada através de apresentações artrísticas, de feiras, peças de teatro, danças, envolvendo a história e a cultura local e regional. "Começamos a nos interessar em fazer um dia de cultura na escola e vimos que um dia de cultura não dava para apresentar tudo que o lugar tinha de cultura (...), então os alunos se reuniram com a direção da escola e fundaram a semana cultural". (Euzeli, prof.ª da escola, 2003).

Além da semana cultural, a comunidade de Dom Maurício passou a formar um grupo cultural que se estruturou num espaço externo da Escola Flávio Portela Marcílio. O grupo cultural de Dom Maurício, como ficou conhecido, é formado por membros da escola e por pessoas que já passaram por essa instituição, mas possui sede própria e guarda certa autonomia da instituição escolar. Essa situação demonstra que a instituição procura desenvolver atividades culturais que não se atrelem a estrutura escolar. Esse fator é relevante para entendermos como se estrutura a relação educação e comunicação/sociedade nessa experiência.



Podemos perceber que a escola tem uma trajetória no que diz respeito às atividades voltadas para a comunicação e a valorização da cultura local. O depoimento do atual diretor João Batista, ex-aluno da escola, ressalta novamente o envolvimento da escola com as atividades de arte e cultura. “*Quando fazia a 5.ª série começamos a fazer novelinhas. Para enfatizar melhor os conteúdos dados na sala de aula,*” (João Batista, ex-aluno e atual diretor da escola, 2003).

Na referência as atividades mais próximas à realidade contemporânea tecnológica e midiática que envolvem a instituição, podemos lembrar que os professores ressaltam a satisfação de seus alunos quando se trabalha com recursos audiovisuais. Os mestres afirmam que é preciso conhecer o que as crianças e jovens envolvidos nestas atividades aprendem nesse processo. Ao comentarem sobre as atividades de leituras usando microfones ou a exibição de novelas utilizadas como parte do conteúdo didático, as docentes ressaltam as contribuições e as facilidades de suas experiências. (...) eles mesmo chegaram à conclusão de que a novela era mais ficção do que realidade de que ela trazia coisas ruins pra viciar o ser humano do que fazer com que ele progreda. (Euzeli, prof.^a da escola, 2003).

O que nos chamou a atenção na escola de Dom Maurício, foi que apesar do Estado não apresentar no currículo uma educação voltada para a comunicação, podemos notar na observação de campo, que os professores utilizam recursos de comunicação para a aula. Observamos que seja para a dinamização das aulas ou para a fixação dos conteúdos estudados, são utilizados meios como: revistas, jornais, letras de músicas, microfone, filmes e etc.

Geralmente eu trabalho com músicas da comunidade, as músicas que costumamos ouvir no rádio. Eu aproveito essas músicas para dinamizar os conteúdos, torná-los mais gostosos para serem estudados pelos alunos. (Euzeli, prof.^a da Escola, 2003)

O currículo escolar brasileiro não contempla uma disciplina única de educação para a mídia. Por esse motivo a Escola de Dom Maurício está submissa ao currículo nacional, mas trabalha de forma geral a mídia como instrumento para dinamizar o processo educativo. Nos planos de aula observamos a dedicação individual de alguns professores em ter como objetivo de aprendizagem a leitura crítica dos meios de



comunicação, bem como, o encorajamento a expressão cultural de seus alunos, assim vinculando os mundos: educação/comunicação/cultura. Portanto, nas estratégias para obtenção de conhecimento, os professores utilizam de forma reflexiva os textos jornalísticos, exibição de filmes, músicas, programas de TV e revistas. Mesmo sendo professores despreparados para esta tarefa, eles executam uma educação para a mídia. O marco crucial dos planejamentos de aulas é a valorização cultural da comunidade onde moram. Por ser um distrito pequeno, a escola de Dom Maurício busca firmar suas bases na comunidade. Os professores são pessoas que conhecem e se preocupam com as dificuldades dos alunos, e estabelecem um bom convívio que contribui para uma relação mais próxima com os pais e os demais membros da comunidade.

Para realizar suas atividades culturais e comunicacionais, essa escola se depara com dificuldades estruturais no campo de apoio didático e na posse de instrumentos. O vídeo é velho e apresenta constantes problemas no cabeçote. O som é precário e os microfones têm cabos velhos. O computador não está presente na escola e a instituição trabalha apenas com um computador emprestado pelo grupo cultural. Apesar das dificuldades encontradas, podemos perceber o engajamento dos professores em proporcionar aos alunos aulas que valorizem a criatividade, a criticidade e a participação como sujeitos ativos. As tentativas surgem, na verdade, da visão ampla que os professores têm da didática que deve abranger as atividades em sala de aula. “Não resta a menor dúvida que os recursos didáticos despertam a criatividade e a criticidade dos alunos. A sala de aula é um mundo que pode ser desenvolvido.” (Gilvaneide, coordenadora pedagógica, 2003).

Quando chegamos à escola em 2003 para realizar nossa pesquisa, a professora de português demonstrou profundo interesse em estruturar uma turma para trabalhar numa rádio escola. Em nossa segunda visita a escola já havia disponibilizado alunos para fazer uma programação radiofônica durante o recreio. As caixas foram improvisadas ao longo dos corredores e da quadra da escola. Logo nos vimos solicitadas a fazer uma seleção com mais de 30 crianças e jovens. Os próprios participantes da direção e professores nos levaram a colaborar nessa ação. Nossa atividade ficou reconhecida para a equipe da pesquisa como uma atividade de retorno que estávamos prestando à escola. Sabemos que geralmente os pesquisadores chegam às escolas, fazem suas entrevistas e não deixam nenhuma contribuição. Essas posturas deixam muitos docentes desafortunados com a presença do pesquisador na escola. Foi



pensando nessa realidade que concordamos em realizar um curso de formação para comunicadores populares. No entanto, a mobilização para a montagem e organização da rádio escola ficou por conta dos alunos e professores. Desse modo, com a nossa colaboração e exclusivamente sob a coordenação da direção da escola, surgiu a Rádio escola Dom Maurício FM. Os equipamentos para a montagem da rádio foram conseguidos através da mobilização dos alunos e da escola. Eles juntaram papel e venderam o quilo, fizera bingos e receberam o apoio do núcleo gestor da escola para montar a rádio.

È importante ressaltar que a emissora foi colocada para funcionar fora da escola, e teve como estúdio uma sala na sede do grupo cultural. A atividade estaria voltada para toda a comunidade e a escola se mobilizou para colocar caixinhas de som nos postes dos pontos principais do distrito. Veremos que a criação da rádio escola amplia a visão de comunicação e educação como tarefa que não deve ser desempenhada exclusivamente para os participantes da instituição escolar.

Assim, queremos compreender em que medidas essas atividades têm ajudado os alunos a crescerem como pessoas mais críticas, conforme ressaltam alguns professores. No entanto, não partiremos da convicção de que as atividades realizadas pelos professores são exemplos de sucesso, mas queremos entender em que elas contribuem para uma educação mais crítica e relacionada com a realidade em que os meios de comunicação estão cada vez mais presentes na vida das pessoas.

5. A Visão Das Crianças Sobre A Mídia Em Dom Maurício

Sabendo da necessidade de se ter uma análise da recepção das crianças à metodologia comunicacional utilizada pelos professores, acreditamos ser importante apresentar o significado que os alunos dão a mídia em seu cotidiano e na sala de aula em particular. Desse modo, veremos se a importância dada à mídia pelos docentes recebe a mesma valorização pelos alunos.

Inicialmente, é mister expor que os principais meios de comunicação percorridos pelos alunos que são usados em sala foram: filmes, revistas, bem como, a produção de teatro e novelas feitos pelos alunos. Sobre isto é inquestionável entre eles, a



valorização dada à introdução desses meios em suas realidades quando afirmam que é preciso que se tenham aulas “diferentes”.

Não sei, mas eu acho que sempre, assim, pelo menos uma vez por mês tem que mudar, pra ver se incentiva mais os alunos, pra não ficar naquela rotina todo dia (...) eu acho que isso ajuda também para que o aluno queira aprender mais. (Aluna, 2003).

Dessa forma, se nota a valorização dada à mídia na sala de aula. Esses recursos são vistos pelas crianças como uma forma de melhorar o trabalho do professor, levando assim a uma aprendizagem mais estimulante e significativa.

O que chama a atenção, entretanto, são as diversas atividades realizadas na escola de Dom Maurício. É interessante perceber a atuação das crianças em um meio desprovido de aparelhagem técnica, mas repleto de atividades culturais. Podemos perceber a presença da mídia no cotidiano dos alunos quando eles se referem aos programas veiculados nos meios de comunicação. Nesse sentido, os alunos da escola Flávio Portela Marcílio fizeram uma análise sobre os diversos programas (em especial novelas) e conseguiram evidenciar que existem programas que não são recomendáveis para eles. No mesmo depoimento ainda, expuseram de forma reflexiva os programas que eram possíveis de serem assistidos de acordo com a faixa etária em que se encontravam. “Aquele como o dragão bol z que passa o Gocu lutando contra o digimon do desenho, assim, (...) prejudica, né?”. (Aluno da 5ª série, 2003).

Com base nisso, constata-se a forte presença da televisão no cotidiano dos alunos, contribuindo para a sua formação moral e construindo valores em sua personalidade. Assim, como a televisão, viu-se que os jornais e as revistas quando utilizadas em sala de aula, também são relevantes para os alunos que acham interessantes as informações presentes nesse veículo comunicativo. Alguns professores além de trazer uma proposta de aprendizagem da leitura e escrita para os alunos, ainda fazem com que os mesmos tenham contato com as notícias.

Nas entrevistas, foi relatado que uma professora levou os alunos para assistirem uma novela (O beijo do Vampiro, produzida pela Rede Globo) e sobre isso explicitaram. “Era pra saber assim, o dia-a-dia, como a gente na escola esse negócio de namoro, pois é na novela tinha o Zeca e Bia não namoravam, pois é (...) pra saber como era a vida, se era diferente da nossa ou era igual (...)”. (aluno da 7ª série, 2003)



A recepção dos alunos aos objetivos traçados pelo professor, embora não tenham uma produção sistemática da análise dos programas de televisão, são de todo importantes, pois se inicia um trabalho de conscientização que, posteriormente pode vir a abranger mais alunos e professores.

Outra atividade desenvolvida pelos professores com o intuito de promover a reflexão crítica sobre a mídia tem sido a elaboração de peças teatrais. Encenadas pelos alunos.

(...) o teatro que a gente mais apresentou foi o “Brincando de Verdades” onde conta à historinha do cravo e a rosa, da Cidinha, assim, é que ela é presa na televisão (...). Porque ela só vivia assistindo televisão, não queria brincar de roda, não queria brincar desses tempos de criança ela só queria assistir televisão, vivia presa aí a gente, a peça mostra as crianças brincando de roda e ela não queria de jeito nenhum brincar de roda, só assistir televisão. (Aluno da 5ª série, 2003).

Essa prática é singular visto que está sendo realizado um tipo de trabalho educativo em busca da conscientização do poder da mídia na vida das pessoas com o envolvimento dos próprios alunos.

A criação da rádio escolar na quais os alunos se sentem fazendo parte é um exemplo do envolvimento deste atores nas atividades de comunicação e cultura. “Foi o João Batista, foi um sonho da escola em ter uma rádio, então sabe que um dia o sonho vira realidade (...) a gente está participando aí então há de desenvolver muitas coisas”. (Aluna da 7ª série, 2003).

Durante o contato com o grupo da escola, viu-se a dificuldade financeira para a compra de equipamentos radiofônicos. O que se verificou da parte dos alunos foi à vontade de fazer funcionar a rádio. A montagem e lançamento da rádio escola está sendo concretizada através da formação dos alunos. Como citamos antes, as crianças estão fazendo um curso para usar o rádio de uma maneira educativa. Sobre o curso apresentaram as seguintes constatações.

Eu aprendi que nós não devemos só apresentar aquelas coisas assim que tem músicas que falam tipos de coisas ruins, mas agora a gente aprende que deve apresentar aquelas coisas boas também, músicas que ensinam coisas à gente. (aluno, da 5ª série, 2003)



A gente fez a rádio, a gente falou, aí tem horóscopo do dia, tem mensagens do coração (...) aí a Catarina deu até aula a gente que a gente não colocasse muitas músicas de assim do coração, mas música que mostrasse o Brasil, a violência que existe no Brasil, a fome (...). (aluna da 7ª série, 2003.).

A escola de Dom Maurício pode ser considerada como diferencial pelas inovações trazidas num ambiente desprovido de recursos. Os alunos são criativos e a escola vem possibilitando, mesmo que de forma limitada, o desenvolvimento de tal virtude. São ações que dão um espaço considerável para o debate sobre os meios de comunicação e sua influência na vida e formação das pessoas.

Por fim, em se tratando do acesso desses alunos às novas tecnologias, em especial o computador, foi verificado que, mesmo a escola só possuindo um único computador na secretaria e mesmo se constatando que poucas pessoas sabiam operá-lo, observamos que todos tinham uma vaga noção da utilidade e função dessa tecnologia nos dias atuais. Em todos os entrevistados, certificamos que essas informações sobre o computador vinham de comerciais de televisão, novelas e filmes e também da própria observação dos alunos ao computador da administração da escola. “Tu está longe, eu estou aqui, eu posso me comunicar com você através do teu site (...)” (Aluna da 6ª série, 2003). Outra fala deixa essa idéia ainda mais clara, “È que a pessoa vai, manda “e-mail” pra outra pessoa, fala sobre bota fuxico na internet, passa no Gugu”. (Aluna, da 5ª série 2003).

Sendo assim, os alunos sentem a importância desses meios de comunicação na sociedade e mesmo não tendo acesso a tais vêem em todos os lugares a inserção dessas tecnologias da vida em sociedade. Para tanto, fica observada a necessidade dos alunos no conhecimento dessas tecnologias comunicacionais da atualidade, não apenas para o manuseio mecânico, mas para a compreensão crítica e para o despertar da produção artística e cultural. Desse modo, podemos concluir afirmando que uma educação para a mídia não é simplesmente sinônimo da presença de tecnologia e do manuseio mecânico desses instrumentos, nem tão pouco, podemos deduzir que a adoção de disciplinas críticas sobre a mídia pode resolver a problemática da interface entre os campos da educação e da comunicação. A escola de Dom Maurício nos ensina que a tecnologia precisa estar aliada à valorização cultural dos alunos, bem, como, a



promoção de atividades criativas que envolvam uma visão de educação para além da sala de aula e de atividades didáticas tradicionais ou da presença da mídia como mero recurso didático, percebido de forma instrumental. Não estamos tomando a escola em Dom Maurício como modelo ideal, mas explicitando sua referencia em não limitar a educação para a mídia a uma disciplina de leitura crítica da mídia ou a criação de uma rádio restrita ao espaço escolar. A escola Flávio Portela Marcílio procura envolver a comunidade nessa tarefa e retira da proposta arrricular o lugar central que traz soluções para uma educação midiática e tecnológica. Essa atividade é apresentada mais como uma ação social educativa que não deve ficar restrita a escola.

Referências bibliográficas

ADORNO, Teodor. Indústria cultural. *In COHN, Gabriel (org).* Comunicação e Indústria Cultural. São Paulo, Queroz, 1987.

APARICI, Roberto. *Ensino, multimídia e globalização.* Revista Comunicação e educação, ano V n. 14 jan/abr 1999, p. 56-67. São Paulo, Moderna/CCA-ECA-USP.

BRAGA, José Luíz & CALAZANS, Regina. *Comunicação & Educação.* . São Paulo, Hacker, 2001.

CARISSON, Ulla & Feliczen, Cecília Von (org.). *A criança e a mídia: imagem, educação e participação.* São Paulo Cortês, Brasília, DF, UNESCO, 2002.

CITELLI, Edilson. **Comunicação e educação: linguagem em movimento.** São Paulo, Editora, SENAC, 2002.

OLIVEIRA, Catarina T. F. *O direito a palavra: comunicação, cultura e política.* Fortaleza, UFC (Memeo), 1994.

_____ *Escuta Sonora: educação não formal, recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias.* Campinas, Unicamp (memeo), 2002.